

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS EM YIDDISH: MULHERES ESCRITORAS, SUAS ESCRITAS E SUAS HISTÓRIAS

AUTOBIOGRAPHIC NARRATIVES IN YIDDISH: WOMEN WRITERS, THEIR WRITINGS AND THEIR STORIES

Sonia Kramer*

Resumo: Este trabalho resulta de uma pesquisa que traduziu e analisou 23 contos escritos por 17 escritoras que revelam histórias de jovens judias que sofriam discriminação por serem mulheres, por serem escritoras e por escreverem em Yiddish, língua quase extinta no século XX, hoje foco de movimentos de resistência. Descobertos em pesquisas de grupos feministas nos Estados Unidos, os contos são valorizados por sua qualidade literária e por mostrarem contextos diversos e adversos de mulheres que imigraram do Leste Europeu para a América, Israel e outros países da Europa. O texto está organizado em três itens. O primeiro traça um breve panorama da língua Yiddish e das narrativas, sua natureza autobiográfica, contextos de produção, fundamentos da pesquisa, e critérios de seleção. Em seguida, o foco está colocado nos contos. Deles emergem lutas, perdas de lugares, de pessoas e sonhos, o sofrimento relatado ora com amargura, ora raiva, ora com ironia. Os contos mostram na língua quase perdida formas diversas de expressar desejos, sonhos, constrição, superação. As escritoras falam de migração e deslocamento por continentes, países, cidades, culturas que as colocam em situação de vulnerabilidade pelo que viram, viveram e quiseram, e não lhes foi permitido ou não conseguiram conquistar, bem como das mudanças que lhes foram exigidas para viver. No terceiro momento, são mostrados dois contos de duas autoras pesquisadas. A pesquisa teve apoio do instituto de estudos da universidade em que foi realizada.

Palavras-chave: Mulheres. Yiddish. Escritas autobiográficas.

Abstract: This paper results from a research that were translated and analyzed 23 short stories written by 17 writers and that reveal histories of young Jewish women who suffered discrimination for being women, for being writers and for writing in Yiddish, a language almost extinguished in the 20th century, and which is today the focus of movements for resistance. Discovered by feminist groups in the United States, the short stories are valued for their literary quality and for showing diverse and adverse contexts of women who immigrated from Eastern Europe to America, Israel and other European countries. The text is organized in three items. The first provides a brief overview of the Yiddish language and of the

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, Brasil. Doutora em Educação pela PUC- Rio.
E-mail: <sonia.kramer@gmail.com>.

narratives, their autobiographical nature and context, the research background and the criteria used to choose them. The second item focuses on the short stories. From them emerge struggles, loss of places, people and dreams, suffering reported sometimes with bitterness, anger or irony. The stories show in the almost lost language different ways of expressing desires, dreams, constriction and overcoming. The writers talk about migration and displacement across continents, countries, cities, cultures that have placed them in a vulnerable situation due to what they saw, lived and wanted, and were forbidden or unable to achieve, as well as the changes required to live. The third item shows two short stories written by two of the authors studied. The research was supported by the research institute of the university where it was carried out.

Keywords: Women. Yiddish. Autobiographical writings.

Introdução

A língua Yiddish quase foi extinta no século XX. O Holocausto, de um lado, e o stalinismo de outro, assassinou escritores e espalhou falantes da língua pelo mundo. Na década de 1970, revigorou-se na música, pelo interesse e criação do chamado gênero *klezmer*. Recentemente, a língua e a cultura Yiddish têm sido foco de movimentos de resistência em vários países, em especial na área da música, da literatura e do teatro. Se a conversação em comunidade só vem sendo mantida entre grupos de judeus ortodoxos, inúmeras pesquisas têm sido realizadas em universidades e institutos de pesquisa de vários países, em campos diversos, tais como a linguística, a história, a sociologia e a vasta produção cultural, configurando o que vem sendo denominado *academic yiddish*, um enfoque que visa reencontrar e devolver aquilo que foi perdido. Ou quase perdido.

O presente texto se situa nesse contexto. Desenvolvido por um grupo de pesquisadores de uma universidade brasileira, o trabalho resulta da pesquisa “Mulheres que escreviam em Yiddish: memória, resistência e superação”, realizada em 2022 e 2023, em que foram traduzidos e analisados vinte e três contos, escritos por dezoito escritoras, que nasceram e migraram durante ou após o Holocausto para diversos continentes. Desconhecidos até pouco tempo, os contos revelam histórias de vida de jovens judias que sofriam discriminação por serem mulheres, por serem escritoras e por escreverem em Yiddish, da parte de religiosos ortodoxos e também de escritores judeus que detinham o poder sobre as gráficas e editoras. Os temas e cenas dos seus contos relatam a expectativa de nascimento de menino, mais do que de meninas, a obstrução a casamentos, estudo e atividades culturais, contrariando em muito aquilo que – do

ângulo estereotipado e preconceituoso – se esperava de textos e de práticas das mulheres. Mesmo nos Estados Unidos, nos primeiros anos do século XX, mulheres publicavam seus poemas com pseudônimo de homens.

Poucas das escritoras foram reconhecidas em vida, poucas tiveram seus textos publicados e/ou traduzidos para outras línguas. Descobertos em pesquisas de grupos feministas nos Estados Unidos, e traduzidos a partir da década de 1990, os contos vêm sendo valorizados por sua qualidade literária e por mostrarem contextos diversos e adversos de mulheres que imigraram do Leste Europeu para a América, Israel e outros países da Europa.

Na pesquisa aqui apresentada, foram utilizados como fontes textos originais elaborados em Yiddish e textos que haviam sido traduzidos para a língua inglesa. A seleção dos contos foi acompanhada de levantamento bibliográfico, bem como estudo e síntese das histórias de vida das escritoras.

O texto está organizado em três itens. O primeiro delinea um breve panorama da língua Yiddish, trata das narrativas, sua natureza autobiográfica, os contextos de produção, fundamentos da pesquisa, bem como critérios de seleção e desafios da tradução do Yiddish e do inglês.

Em seguida, o foco está colocado nas escritoras e no conjunto de contos que compõe a empiria. Deles emergem lutas, perdas de lugares, de pessoas e sonhos, o sofrimento relatado, ora com amargura, ora raiva, ora com ironia e alegria. Os contos mostram na língua quase perdida diversas formas de expressar desejos, sonhos, recolhimento. As escritoras falam de migração e deslocamento por continentes, países, cidades, culturas que as colocam em situação de vulnerabilidade pelo que viram, viveram e quiseram e não lhes foi permitido conquistar, seja pelo contexto ortodoxo em que estavam inseridas, seja por estereótipos dirigidos a mulheres escritoras de diversos grupos étnicos e classes sociais, não só judias. Seus relatos autobiográficos tratam de mudanças e concessões impostas a mulheres.

No terceiro item são mostrados, em sobrevôo, dois contos de duas autoras pesquisadas. Para a investigação e a tradução, o projeto contou com recursos obtidos de um edital de pesquisa própria universidade em que foi realizada.

Uma observação relevante diz respeito à grafia da palavra װײַזשׂ. O grupo de pesquisa que desenvolveu este projeto está consciente e conhece a forma considerada correta na língua portuguesa, a saber ídiche, ainda que circulem outras alternativas tais como ídiche, idish, ídish e yidish. A opção pela forma Yiddish se deu porque esta é a forma definida pelo *Institute of Jewish Research/YIVO* na sua codificação, e utilizada pelo *Yiddish Book Center, Workers*

Circle ao lado de outras instituições de pesquisa e universidades com as quais a presente pesquisa interagiu no desenvolvimento do estudo.

1. Língua, cultura e literatura Yiddish

O Yiddish é uma das línguas caladas por perseguição religiosa, política, étnica ou cultural, dos quais decorreram, ao longo da história, fugas, migrações, dispersão, diáspora. Sua origem data do século X: na fronteira entre França e Alemanha, judeus da Itália e originários de outros países românicos começaram a falar o alto-alemão, misturando-o com elementos judaicos do francês e do italiano, com o hebraico (*loshn koydesh*, a língua sagrada) e palavras hebraico-aramaicas. Nascia o *jüdish-deutsch*, “judeu-alemão”, alterado para *ídish-taitsch*, depois “ídiche” (Guinsburg, 1996, p. 17). *Ashkenazim*, proveniente da palavra Ashkenaz, (Alemanha).

O Yiddish moderno - língua amálgama ou de fusão - nasceu e se formou em um contexto de polilinguismo interno (judeus falavam várias línguas) e externo como a esse processo refere Harshav (1994). No *shtetl*, *di yidishe gas* era ruidosa. Nela se ouvia russo, polonês, romeno, húngaro. Nos grandes centros, aprendia-se alemão, francês; mais tarde, inglês.

Vista como jargão, dialeto de línguas germânicas, nos séculos XVIII e XIX, a literatura Yiddish a tornou reconhecida como língua, ao lado da sua literatura oral, provérbios, ditos populares, anedotas. A *yiddische gas*, praça onde conviviam trabalho e festas, expulsões e migrações, essa língua-passaporte (Guinsburg, 1996), se deslocou e seguiu, carregada na bagagem como o violino, as histórias, lendas, tradições.

Livros e jornais literários circulavam no leste europeu até o início da segunda guerra, editados por centenas de escritores que se pretendeu calar. Dos nove milhões de judeus que viviam na Europa nos anos 1930, a maioria dos seis milhões mortos falava Yiddish. O *Khurbn* aniquilou a língua. Atingida pelo nazismo e pelo stalinismo, o Yiddish se espalhou e deixou de ser falada em comunidade.¹ Mas a resistência se fez presente: a música Yiddish reacendeu nos anos de 1970; a literatura, no final dos anos de 1990, quando pesquisadoras feministas, falantes de Yiddish, desvelaram um universo de contos, poemas e romances autobiográficos, publicados ou não, escritos por mulheres desde o final do século XIX e até hoje.

¹Judeus ortodoxos falam Yiddish na vida doméstica, mas não reconhecem a relevância da literatura de que trata o presente texto.

Ora, sabemos que o cenário das relações entre literatura e autobiografia é complexo e polêmico. Escritoras e escritores entendem a primeira pessoa (aquela que fala) de maneiras diversas e têm visões também diversas sobre o que caracteriza o autobiográfico e o ficcional (LEJEUNE, 2014; KLINGER, 2007; MIRANDA, 1992), da mesma forma que se indagam o que possível e se é possível narrar e transmitir (GAGNEBIN, 1994).

Mas, ainda que reconheça a relevância da problematização teórica, discutir autobiografia e literatura não é o tema deste texto. Da escrita de si interessam aqui as relações entre poder e resistência (SOUZA; BALASSIANO; OLIVEIRA, 2014) no enfrentamento da discriminação e do preconceito, seja de etnia, raça, religião, posição política, gênero, característica física ou idade.

É nesse entrecruzamento que se situa a pesquisa, feita com o objetivo de escutar a experiência (BENJAMIN, 1987a) escrita por mulheres em Yiddish, língua que se formou no século X na fusão do alemão, línguas eslavas e hebraico, falada pelos judeus *ashkenazim*, e quase extinta no século XX. Buscamos ver e ouvir as mulheres e os contextos revelados nas narrativas: o que foi contado, o sofrido e nem sempre superado.

Mas para serem lidas e compreendidas, as histórias precisaram ser traduzidas. A tradução para a língua materna de leitores e leitoras vem sendo entendida como direito, tal como o conhecimento e o ensino da língua de origem (nesse caso o Yiddish) é responsabilidade social, política e cultural. Assim, a tarefa do tradutor (BENJAMIN, 2009) apesar de ambígua e sinuosa, precisou ser enfrentada no decorrer da pesquisa.

A pesquisa que dá base ao presente texto foi realizada em 2021 e 2022 (KRAMER, 2023), Seu objeto: escritas de mulheres em Yiddish, no universo de uma produção tida como masculina. A literatura Yiddish moderna tem importantes escritores, conhecidos como os avôs ou pais da literatura Yiddish, mas até os anos de 1990 não havia reconhecimento da vasta produção de qualidade de mulheres escritoras. E, ainda que não haja consenso sobre se tal produção configura ou não um gênero específico, a pluralidade de contextos e questões relatadas evidencia a relevância deste material para a pesquisa histórica e literária.

As fontes de acesso aos textos foram o *Yiddish Book Center*², o *Institute of Jewish Research/YIWO*³, *The Shalvi/Hyman Encyclopedia of Jewish Women*⁴, a *Jewish Virtual Library*⁵, bem como os periódicos *The Forward*, *In Geveb/A Journal of Yiddish Studies*,

² Disponível em <<https://www.yiddishbookcenter.org>>. Acesso em 23/01/2024.

³ Disponível em <<https://www.yivo.org/Research>>. Acesso em 23/01/2024.

⁴ Disponível em <<https://jwa.org/encyclopedia>>. Acesso em 23/01/2014.

⁵ Disponível em <<https://www.jewishvirtuallibrary.org>>. Acesso em 23/01/2014.

Yiddishland. A pesquisa recebeu subsídios do Edital para apoio a grupos de pesquisas interdisciplinares do Instituto de Estudos Avançados em Humanidades/IEAHu da PUC-Rio.

2. Escritoras e escritas em Yiddish

As autoras deixaram seu lugar de origem e migraram, em reação ao antisemitismo que avassalou a Europa no século XX. São mulheres que escrevem sobre mulheres sobre conflitos, medos, renúncias, fracassos e mudanças. *Women writers of Yiddish literature: critical essays* (Forman *et al.*, 1994); *Arguing with the storm: stories by Yiddish women writers* (Tregebov, 2008); *Women writers of Yiddish literature: critical essays* (Horowitz, 2015), e as edições bilíngues de Margolin (2005), Dropkin (2014) e Perl (2021) foram as principais fontes. O critério para a seleção dos contos foi o repertório extenso reconhecido por tais fontes. Foram escolhidos vinte e três contos inéditos em português, escritos por dezessete escritoras. O quadro a seguir mostra seu tempo de vida, bem como o lugar de nascimento e o de migração:

Quadro 1: Escritoras Pesquisadas.

Nome	Tempo de Vida	Lugar de nascimento e o de migração.
Blume Lempel	1910-1999	Ucrânia/Estados Unidos
Bella Chagall	1895-1944	Bielorússia/USA
Célia Dropkin	1887-1956	Império Russo/USA
Chava Rosenfarb	1923-2011	Polônia/Canadá
Esther Kreitman	1891-1954	Polônia/Grã-Bretanha
Fradel Shtok	1890-1990	Império Austro-Húngaro/USA
Kadja Molodowsky	1894-1975	Império Russo/USA.
Katie Brown	1889-1955	Polônia/Inglaterra
Malke Lee	1904-1976	Ucrânia/USA
Miriam Raskin	1889/1973	Rússia Branca/Estados Unidos
Rachel Korn	1898-1982	Polônia/Canadá
Rikudah Potash	1906-1965	Polônia/Israel-Jerusalém
Rochel Brokhes	1880-1945	Minsk/Rússia/ Gueto de Minsk
Sarah Hamer-Jacklyn	1905-1975	Polônia/USA
Shira Gorshman	1906-2001	Lituânia/Israel
Yente Serdatzky	1877-1962	Lituânia/Estados Unidos

Fonte: Pesquisa realizada em 2022 e 2023 sobre Mulheres que escreviam em Yiddish.

Os contos traduzidos abordam situações, tensões e buscas vividas no *shtetl* (literalmente, em Yiddish, cidadezinha), na cidade grande para onde se deram as migrações, durante o Holocausto e em Israel.

No que se refere à vida no *shtetl*, quase todos trazem críticas severas à posição ocupada pela mulher em contextos familiares da ortodoxia. As restrições impostas e o sofrimento, abandono, descaso e exaustão pelo trabalho vividos, são o retrato comumente apresentado, em condições de extrema pobreza.

Os contos que têm como cenário a cidade grande evidenciam o confronto entre costumes e práticas do lugar de origem e o novo destino. Aqui, são expostas as contradições, os conflitos, a solidão, o medo, as perdas, mas também as conquistas e o desejo de liberdade vividos pelas mulheres, ora escritos com tristeza, ora com ironia.

Já os contos escritos durante ou que relatam o vivido durante o Holocausto trazem um material até então pouco conhecido, na medida em que deles emerge a situação cotidiana encarada por mulheres em guetos e campos de concentração. Os caminhos percorridos pelas autoras e personagens mostram um recorte de gênero até então pouco conhecido ou considerado na literatura e na pesquisa sobre o tema.

Nos contos escritos em Israel são relatados confrontos vividos por famílias migrantes do leste europeu e dos países árabes, judeus *ashkenazim e mizrakhim*. A desigualdade de classe e a diferença nos modos de tratar mulheres e crianças, em especial meninas, lidos em Yiddish, oferecem um panorama pouco conhecido até então.

Para efeito do presente texto, os dois contos de duas autoras - em que são feitos os sobrevôos a seguir - foram escritos em contextos de cidade grande, após a migração.

3. Narrativas autobiográficas em Yiddish – sobrevôos

Conceber cada escrita como obra e, em cada obra, em cada fragmento, encontrar o todo. Benjamin (1987b) busca esse encontro através de imagens, forma que trabalha com montagens, como aqui, onde cada história contada, cada escrita literária se encontra com outra, a completa ou refaz.

Leio contexto e texto, cena e cenário de duas autoras - Celia Dropkin e Miriam Raskin – e com elas leio uma dança e um piquenique.

Celia – o sonho da dança

Celia Lenin nasceu em 1888 na Bielorrússia. Foi criada pela mãe - o pai, madeireiro típico da época, morreu jovem. Com oito anos, começou a estudar com a mulher do rabi e também em uma escola russa. Escreveu seu primeiro poema aos dez anos de idade, em russo. Aos dezessete, mudou-se para Kiev, na Ucrânia, e lá concluiu os primeiros estudos. Foi depois para Varsóvia, onde se tornou professora.

Casou-se em 1909 com um ativista do *Bund*

. Seu engajamento político o forçou a fugir da perseguição czarista para os Estados Unidos. Lá ela volta a escrever e traduz seus poemas russos para Yiddish. Em 1917, sua poesia é publicada pela primeira vez no jornal “*Naye Velt*”.

Conhecida por suas rimas e ritmos na intensidade de sensações e sentimentos, a escrita erótica reverbera nos seus poemas. Publicou em vida - “*In heysn vint*”/“Em um vento quente”. Morreu em Nova Iorque, em 1956, com oitenta poemas incompletos. O mais conhecido - *Di Tsirkus Dame/A dançarina do circo* - teve nove traduções, a mais recente na coletânea bilingue Yiddish-ínglês (Dropkin, 2014). Escreveu também em prosa. E também sobre “Uma dançarina”⁶, conto onde traz a história de Gysia, sua vida e o ardor da menina e da jovem mulher pela dança.

“Em casa ela chamada de lerda e outros nomes pejorativos porque estava sempre quieta e calada [...]”. Nos primeiros anos na escola era elogiada sua capacidade de ficar parada. Aos doze anos o comportamento tranquilo se rompeu. Um dia, estudando para as provas, a costureira chegou para tirar as medidas e fazer um vestido novo. Quando a costureira foi embora, continuou de pé, diante do espelho de corpo inteiro.

“Não estava com pressa de se vestir. Viu-se no espelho [...] seus braços finos e desnudos, os pés delicados; de repente, disparou em um galope desenfreado ao redor da mesa. Parecia um potro que se quer alcançar, mas não se consegue. Saltavam faíscas dos seus olhos, com um ímpeto incomum, girou e rodopiou em torno da mesa. A casa estremeceu, e os penduricalhos de cristal do lustre tilintaram melodiosamente. Não havia ninguém em casa, a não ser a jovem criada, que ficou à porta de boca aberta, seus olhos cheios de medo. Ela nunca vira Gysia assim.”

Aos dezoito anos, Gysia se casou com um jovem que se apaixonara por ela quando, usando sapatos vermelhos, ela dançou no casamento da irmã. Quando o marido partiu para a América e ela ficou sozinha com um bebê, no *shtetl*, sentiu que abandonou algo único, em que

⁶ *A Dancer*. In: FORMAN, 1994, p.193-201. Em Yiddish: DRAPKIN, 2022, p. 203-213. A tradução é nossa.

nem o marido nem ninguém tinha interesse: sua dança! Seu corpo era então magro, flexível, jovem, suas pernas ágeis.

“Ela sabia que para se tornar dançarina, tinha que estudar. Começou a sonhar que ao invés de viajar com o marido, deixaria o filho com seus pais, fugiria para Varsóvia, se matricularia em uma escola de dança. Pagaria as aulas com o dinheiro que o marido mandasse para comprar a passagem para a América.”

Mas “o pai do seu filho esperava por eles, ela foi para lá e tudo acabou, quando seus pés tocaram o chão de Nova Iorque. O marido trabalhava, ela ficava com a criança. O esforço e o espaço reduzido cortaram suas asas. Ficou grávida do segundo filho e do terceiro, os quadris arredondados, uma ou outra veia azul nas pernas. Parou de admirar seu corpo. Aos 39 anos, quatro filhos, corpo pesado, a pele do rosto começava a cair.

Quase não dançava nas festas, “mas não tirava os olhos dos pés que deslizavam no chão. O coração batia descompassado quando via alguém dançando, como se tivesse uma premonição e tentasse se lembrar de algo importante.” Envolta numa bruma: sono, sonho e prazer se misturavam. Observar casais não apagava a estranha magia que o sono trazia. “Tão levemente quanto uma pluma, levantava um pé após o outro. Mais rápida que um pássaro, flutuava, se mantinha parada, dançarina em pose imóvel. Fazia isso com simplicidade, tão facilmente quanto um pássaro.”

Uma noite, o jantar terminado, tirava os pratos quando seus olhos foram atraídos pela manchete do jornal que informava a morte de um famoso dançarino. A matéria dizia que ele flutuava no ar quando dançava. Gysia se lembrou de que podia flutuar.

Olhou o jornal e se perguntou porque tanto barulho sobre o dançarino. Muitas vezes ela tinha feito a mesma coisa, se elevando no ar! O jornal não falava dela; não eram vendidos ingressos para vê-la dançar. Com um sorriso zombeteiro deixou o jornal de lado e foi para a cozinha. Tentou elevar ambos os pés. Por que não conseguia? Seu coração batia de maneira estranha. Seus pés giraram no ar, implorando ajuda ao seu corpo pesado. Não acreditava que era incapaz de flutuar.”

Na sala, o marido ouviu o baque seco e olhou para a mulher. Estava estranha, parecia perdida, o rosto pálido coberto de suor. "O que aconteceu?", ele perguntou. "Não entendo", ela respondeu. "Não consigo mais fazer isso." "O que você quer fazer? Quem pediu para você trabalhar tanto?", perguntou ele com raiva. "Você não entende. Eu costumava fazer isso." "Qual o seu problema? Devo chamar o médico?"

Ela se sentiu em perigo. Quando ele perguntou "qual é o seu problema?", respondeu: "Provavelmente algo com que eu sonhei". Mas sabia que não era sonho. Era uma ótima dançarina, mas a tragédia a alcançara. Não conseguia mais dançar. "E como alguém pode ter esse tipo de sonho fazendo tarefas domésticas? Vai dormir, talvez dormindo você se livre desses sonhos".

“Estou pesada [...] não consigo mais dançar no ar”. O peso e o desejo sufocado a afetam de tal modo, que ela vai parando de comer. É tomada pela melancolia. Sem ninguém por perto, tentava flutuar. Caía e se machucava. “Uma vez a filha a viu de pé no parapeito da janela. Parecia um passarinho triste que queria voar para dentro do quarto. Apesar de a janela estar fechada, a filha gritou de pavor. A partir de então, ela passou a ser cuidadosamente vigiada”.

Assim, o afeto, a sensualidade e a consciência que a protagonista tem do seu corpo secam, murcham. O corpo expressa a ânsia de se expandir e criar, mas o sonho de voar estanca. No baque, na queda, vôo interrompido, rompe-se o limiar, ainda que enevado, entre sonho e realidade.

A história da mulher impedida de expor sua sensualidade, flutuar, voar se mescla com a da mãe da escritora, que assumiu muito jovem não querer nenhuma relação amorosa, uma mulher cuja trajetória pode ser a de outras, de diversas culturas, não só a Yiddish. Mulheres que, desenraizadas de si, ficam à mercê da repressão.

Miriam – um piquenique

Miriam Raskin foi uma mulher revolucionária. Nasceu em 1889, na Rússia Branca. Membro do *Bund*⁷ e, entre 1890 e 1930, ficou presa um ano na prisão de São Petersburgo por participar da Revolução Russa em 1905.

Emigrou para os Estados Unidos em 1920, onde escreveu sobre sua vida judaica na Rússia czarista e a experiência de imigrante. Publicou 3 livros, um romance em série e contos na revista literária *Di Tsunkunft* (O futuro). Escrevia sobre heróis desconhecidos e o impacto de pessoas comuns em movimentos revolucionários, histórias de heróis cujos nomes não aparecem.

⁷ *Bund* significa em Yiddish “união”, “ligação” ou “federação”. Refere-se à União Judaica Trabalhista da Lituânia, Polônia e Rússia, partido socialista judeu secular formado no Império Russo, que atuou de 1897 a 1920. Com a Revolução Russa, a seção polonesa do *Bund* (criada quando a Polônia era território russo) separou-se do *Bund* russo e criou o *Bund* Trabalhista Judaico Polonês, que atuou como movimento de trabalhadores entre as duas guerras mundiais. A seção majoritária do *Bund* russo foi dissolvida e incorporada ao Partido Comunista em 1921. A partir daí, atividades do *Bund* resistiram em vários países, mantendo-se até hoje, entre outras, através da ação do *Workers Circle* (*Arbeter Ring*, em Yiddish).

Marcados por ideias bundistas, seus livros *Tsen yor lebn/Dez anos de vida*, de 1927, e *Shtile Lebns/Vidas silenciosas*, de 1941, retratam o olhar de trabalhadores negros, italianos e judeus, tentando sobreviver na América como empregadas, governantas e operários de fábricas. *Zlatke*, de 1951, fala da vida na Rússia czarista. Miriam Raskin morreu em outubro de 1973.

Naquela manhã, Sadie acordou cedo, assim começa o conto. Quando abriu a janela, viu o sol nascer e seu coração se alegrou. "Que dia ótimo para um piquenique!"

Para Sadie, um piquenique socialista era o melhor a fazer em um feriado. Estava orgulhosa de que, na velha pátria, fizera parte do passado grandioso e heróico do *Bund*. Fora, então, conhecida como Zeldke, a costureira, a primeira a fazer ações clandestinas perigosas e a primeira a cantar por ocasião dos feriados religiosos; seu falecido marido, Arontshik, o fabricante de perneiras, também era assim. Corajoso para enfrentar grandes desafios, o nome conhecido em toda Berezin e nas cidades em torno de Minsk.

Sadie estava sempre ocupada com o trabalho que trazia da loja para casa para sustentar seus três filhos. Vida difícil, Sadie encontrava forças por acreditar que na sociedade do futuro as pessoas não teriam que sofrer tanto.

No dia do piquenique, estava com espírito de feriado desde cedo. Tirou o pó das fotos nas paredes, caras de meninos e meninas em poses heróicas; uma foto de Marx com barba de rabino. Com as fotos se sentia unida a seus ideais e à memória do marido.

Parecia feliz. Seu rosto pálido, cansado, mostrava um semblante sério e nos olhos profundos uma faísca brilhava. Os três filhos, todos universitários, tinham orgulho de sua mãe. O filho mais novo advertiu. "Melhor você descansar no domingo, mãe!"

Sadie assentiu, contrariada. Seu coração doía em silêncio. Os filhos, seu próprio sangue e carne, faria tudo por eles; lhes daria educação, para que se tornassem importantes. Mas eles eram tão americanizados, não tinham "consciência de classe". Em momentos difíceis [...] perdiam a coragem. Sadie ensinou a eles a não desistir, não se renderem. "Quando eu tinha a sua idade, passávamos fome, íamos presos".

Eles não respondiam, se entreolhavam. Não absorviam o que ela ensinava. E ela ficava chateada. O campo que levava até a área de piquenique era verde e iluminado. Uma multidão ia para o local, vinda de toda parte. Um piquenique socialista é como uma grande migração. As pessoas carregavam sacolas cheias de comida, mangas arregaçadas, todos alegres e animados. O sol de julho brilhava no céu e a turma, entre risos, trocava gracejos. "Fala, patrício! Fala, trabalhador!"

Sadie acompanhava os outros. Eram gente sua. A conversa animada e o riso era música para seus ouvidos. E assim, ao som de música, ela fez um balanço da sua vida, se viu na juventude, pensou no marido, nos filhos e tudo o que lhe aconteceu.

"Olá, Sadie!" ouviria. E responderia com alegria, "Quem disse que sou Sadie? Meu nome é Zeldke, esqueceu? Ficou emocionada de ver velhos amigos, a Dvoyrele, o alfaiate Bertshik e Avreml, o escriba. Dvoyrele tinha engordado e Bertshik só queria falar inglês com Sadie; Avreml, era líder sindical e se achava importante. Mas aos olhos de Sadie, eles não tinham mudado. Ela se lembrava deles como eram no passado.

O feriado estava a todo vapor no parque sombreado. Como tribos com ancestrais comuns, se dividiam conforme sua cidade ou grupo. Nas mesas, a conversa alta e animada era acompanhada por um sanduíche e uma cerveja. Alguém estava envolvido em uma discussão acalorada; outro formara um coro para cantar canções proletárias.

Sadie e sua amiga Tsaytl, que fazia meias, estavam separadas do grupo e, encostadas em uma árvore, abriam seus corações, falando sobre os anos que passaram. Sadie falava dos filhos, segurando a amiga pela manga. Mas nesse meio tempo, ouviu uma música vinda de outro canto do parque e reconheceu uma canção proletária.

O sol se aproximava do horizonte, o parque estava em ebulição. Sentada em meio a um grupo de amigos, extasiada, com olhos semicerrados, cantava. Nas mãos, o livro de páginas amarelas com todas as músicas que costumavam cantar no movimento. Sua voz tremia de emoção, e parecia que a canção era parte da sua própria vida.

Uma multidão se reuniu em torno: bonitas cabeças grisalhas, trabalhadores experientes uniram-se ao coro com suas vozes graves, de baixo barítono. Era como se estivessem cantando sobre desejos secretos, distantes, uma saudade dos bons tempos, da sua juventude. E Sadie, rodeada por essas pessoas, transbordava de alegria, protegida dos males do mundo por uma forte muralha.

A cantoria era interrompida com frequência. Alguém diria um ditado. Outro uma piada. O movimento que existira no passado, o *Bund*, era lembrado. Ela continuava sentada, pensativa, se agarrando àquele tempo. No grupo, havia ex-líderes do *Bund*; gente culta, com o fogo da juventude ainda nos olhos, e Sadie ouvia a conversa deles com respeito. Calada, sentada com as mãos dobradas, uma alegria muda em seu coração. Todos os seus sentidos participavam da conversa e sua face ficava afogueada.

Era tarde da noite e o piquenique estava quase no final. As pessoas se despediam e se apressavam a voltar para casa. Mas ela gostava de ficar até o final. Queria ver todos, trocar uma palavra com cada um. Caminhou pelo campo até a estação do metrô quase sozinha. Seus amigos

se dispersaram em todas as direções, mas isso não a incomodou. Estava transbordando com o que acabara de viver.

No metrô, se sentou só. Seu rosto estava corado, o chapéu deslizado para a nuca. Estranhos olhavam para ela, mas Sadie estava alheia a tudo que acontecia. Balançava ao ritmo do movimento do vagão, seus pensamentos longe. Agora, via diante de si sua juventude e seu marido Arontshik, o fabricante de perneiras, enquanto pensava sobre sua casa, seus filhos e toda sua vida, rica, incomum.

Ainda algumas palavras

Mulheres e suas histórias. Em Celia Dropkin, o desejo de dançar é abafado; em Miriam Raskin, o vigor da política a embala nas canções. Os contos mostram na língua – felizmente não perdida – deslocamento e distância, separação e superação, um cotidiano que esbarra em lembranças, e perdas que por vezes não se consegue encarar.

E assim, os contos caminham na tensão entre aspiração e condição. Como nós? Como ainda hoje?

Por fim, os desdobramentos da pesquisa e a publicização de seus resultados está se dando nesse momento, em três direções. De um lado, a equipe tem feito um movimento de apresentação e publicação de textos em eventos e periódicos acadêmicos de qualidade. De outro lado, estão sendo realizadas ações práticas de revisão para dar acesso - tanto em Yiddish quanto em língua portuguesa - aos contos traduzidos até agora, entendendo a tradução como direito, assim como são direito e dever as ações de revigorar a língua Yiddish e mantê-la viva. E, ainda, vale dizer, uma terceira direção relevante diz respeito à continuidade do trabalho de tradução.

Nesse processo, a pesquisa só foi possível graças a leitoras/es, tradutoras/es, pesquisadoras/es, professoras/es e estudantes de Yiddish. Esse parágrafo traz, portanto, palavras de agradecimento pelas traduções, o estudo, a síntese das histórias de vida e trabalho das escritoras, em arquivos e sites especializados, pelo trabalho, tempo e dedicação a esse incrível material. O conjunto abre inúmeras possibilidades de conhecer, reconhecer e acolher esse legado, parte fundamental da identidade judaica e da luta de mulheres. A literatura mostra-se, assim, e mais uma vez, espaço de história, memória, impacto, afeto e reflexão.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I, Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987a.

_____. *Obras Escolhidas II, Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

_____. *Origem do Drama Barroco Alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *A tarefa do tradutor. Quatro traduções para o português*. Belo Horizonte: VivaVoz/UFMG, 2009.

DROPKIN, Tsilye. A Tentserin. In: DRAPKIN, Tsilye. *In Heysn Vint*. Amherst: National Yiddish Book Center, 2022. p. 203-213.

DROPKIN, Celia. A Dancer. In: FORMAN, Frieda *et al.* *Found treasures: stories of Yiddish women writers*. Toronto: Second Story Press, 1994. p. 193-201.

_____. *The acrobat – selected poems*. Huntington Beach CA: Tebor Bach, 2014.

FORMAN, Frieda *et al.* *Found treasures: stories of Yiddish women writers*. Toronto: Second Story Press, 1994.

GUINSBURG, Jacob. *Aventuras de uma língua errante*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

HAMER-JACKLYN, Sarah. *A guest*. In: TREGBOV, Rhea (ed.). *Arguing with the storm: stories by Yiddish women writers*. New York: The Feminist Press, 2008. p. 13-25.

_____. *A Gast*. In: Hamer-Jacklyn, Sarah. *Lebns un Geshtaltn*. Amherst: National Yiddish Book Center, 2009. p. 64-78

HOROWITZ, Rosemary. *Women writers of Yiddish literatura: critical essays*. North Carolina: Farland & Company Inc., 2015.

KRAMER, Sonia. *Para além do silêncio e do esquecimento: histórias de mulheres que escreviam em Yiddish*. In: Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, 2023, v. 08, n. 23, p. 01-17, e1127. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/17520> . Acesso em: 23 abr. 2024

MARGOLIN, Anna. *Drunk from the bitter truth. Poems*. New York, State University of New York Press, 2005.

PERL, Salomea. *The canvas and other stories*. New Jersey: Ben-Yehuda Press, 2021.

TREGBOV, Rhea (ed.). *Arguing with the storm: stories by Yiddish women writers*. New York: The Feminist Press, 2008.